



# BICHAS, MACACOS, MARIAS: NARRATIVAS DE OPRESSÃO, INVISIBILIDADE, PRECONCEITO E RESISTÊNCIA NO FUTEBOL<sup>1</sup>

“FAGGOTS”, “NIGGERS”, “MARIAS”:  
NARRATIVES OF OPPRESSION, INVISIBILITY,  
PREJUDICE AND RESISTANCE IN SOCCER

Débora Nascentes Martins<sup>2</sup>  
Maria Madalena Silva de Assunção<sup>3</sup>

---

**RESUMO:** O presente artigo tem como objeto de investigação as manifestações de machismo, racismo e LGB-Tfobia como fenômenos sociais de opressão e discriminação no contexto futebolístico. O futebol foi escolhido para ser o cenário dessa análise por representar um grande fenômeno de massas que reflete os valores dominantes da sociedade. A fim de compreender o que ocorre nesse ambiente, buscou-se conhecer histórias de mulheres, LGBT+ e negros que já se sentiram discriminados e invisibilizados no âmbito do esporte, além de movimentos sociais ligados ao futebol. A partir de pesquisa realizada em livros, artigos científicos, documentários, foi possível obter embasamento histórico e teórico para compreender os processos que originaram e sustentam os preconceitos que vemos hoje. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizou-se a abordagem qualitativa de pesquisa. Como instrumento de coleta de dados, foram feitas entrevistas semiestruturadas utilizando a internet como ferramenta. Ao final desta pesquisa, foi possível perceber que os nichos sociais pesquisados, apesar de serem constantemente silenciados e discriminados, conseguem se organizar e criar movimentos de resistência. Além disso, é notório o atravessamento de questões políticas nas falas dos entrevistados, demonstrando como os fatores sociais interferem na subjetividade dos sujeitos. Foi possível concluir também que todo preconceito tem origem histórica e se encontra latente nas pessoas, manifestando-se principalmente em ambientes onde atitudes preconceituosas são incentivadas e não são coibidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Machismo; Racismo; Homofobia.

**ABSTRACT:** The present article intends to investigate the manifestations of machismo, racism and homophobia as social phenomena of oppression and discrimination in the soccer context. Soccer was chosen to be the object of this analysis because it represents a great mass phenomenon that reflects the dominant values of society. In order to understand what is happening in this environment, we sought to know the stories of women, LGBT+ and black people who already felt discriminated and invisible in the sphere of sport, as well as social movements linked to soccer. The historical and theoretical basis to understand the processes that originated and sustain the prejudices we see today was obtained from a research carried out on books, scientific articles and documentaries. For the development of this study, we used the qualitative research approach. As a data collection tool, semi-structured online interviews were conducted. At the end of this research, it was possible to perceive that the researched social niches, despite being constantly silenced and discriminated, manage to organize and create resistance movements. In addition, it is notorious that political issues cross the interviewees' discourses, demonstrating how social factors interfere in the subjects' subjectivity. It was also possible to conclude that all prejudice has a historical origin and is latent in people, manifesting mainly in environments where prejudiced attitudes are encouraged and not inhibited.

**KEYWORDS:** Soccer; Male chauvinism; Racism; Homophobia.

---

---

<sup>1</sup> Artigo proveniente de monografia premiada no 2º semestre de 2018 no curso de Psicologia da PUC Minas Unidade São Gabriel (2º lugar).

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

<sup>3</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), Professora da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. mms.a@terra.com.br

## INTRODUÇÃO

O futebol é considerado um grande fenômeno de massas que perpetua e reflete os valores dominantes da nossa sociedade. De acordo com Stahlberg (2011), ao mencionar a obra de Da Matta (1997), esse esporte representa um lugar privilegiado para análise, pois o domínio do social que classificamos como esportivo permite vislumbrar dramatizações da sociedade por ela mesma. A autora enfatiza que o futebol é um ritual e que os ritos servem como um modo de atualização e cristalização daquilo que a sociedade tem de mais imutável. Nas situações rituais, ações cotidianas são colocadas em destaque, ganhando um valor simbólico muito maior e distinto do usual. Sendo assim, no contexto futebolístico, muitas formas de preconceito velado se tornam explícitas e triviais. Dessa forma, a presente pesquisa visa contribuir com a discussão sobre o machismo, a LGBTfobia e o racismo a partir de um ambiente onde o desrespeito às minorias é algo corriqueiro, naturalizado e pouco problematizado.

Marcado historicamente pela supremacia masculina e heterossexual, o futebol sempre foi considerado um esporte feito por homens e para homens. Sendo assim, a inserção da mulher nesse ambiente tem se tornado um desafio que pode ser comparado a outras situações em que ela teve de lutar para conquistar seu espaço. O racismo, por sua vez, é um dos preconceitos mais velados, e, por conseguinte, um dos mais perversos. A pesquisa Datafolha, realizada em 1995, mostrou que 90% dos brasileiros admitiam que existe preconceito de cor no Brasil, mas 96% dos entrevistados não se julgavam racistas. (CUSTÓDIO, 2015). Podemos perceber o racismo no futebol de duas maneiras distintas: explicitamente, através de insultos das torcidas; tacitamente, tendo em vista a ausência de negros nos cargos de direção, nos conselhos ou no comando dos times. Com relação a LGBTfobia, no ano de 2018, 420 LGBT+ morreram no Brasil vítimas do preconceito: 320 homicídios e 100 suicídios (GRUPO GAY DA BAHIA, 2018). No futebol, eles são alvos da maior parte dos cânticos ofensivos direcionados a rivais, em sua maioria associados a práticas atribuídas a homossexuais, ou envolvem palavras como "veado" e "bicha". Aos atletas sobre os quais recaem alguma suspeita de homossexualidade, restam a perseguição e os protestos homofóbicos.

Nessa perspectiva, buscou-se compreender por que o futebol se tornou um instrumento de opressão das minorias e como ocorrem a inserção, a permanência e o distanciamento dessas minorias do contexto futebolístico. Além disso, foram investigadas instituições e coletivos que combatem a intolerância e o preconceito nesses ambientes.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Na presente pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa, cujo embasamento teórico se sustentou na perspectiva metodológica da pesquisa social, principalmente pelas ideias de Minayo (2009), Demo (1985, 1995) e Flick (2009). Neste estudo, de caráter predominantemente exploratório, foram considerados diversos pontos de vista sobre a opressão de alguns grupos em diversos ambientes futebolísticos. Algumas pessoas veem o esporte como entretenimento e diversão; outros o veem como trabalho, e outros o percebem como um fenômeno político e social. Sendo assim, foi possível analisar os fatores de opressão através de diversas perspectivas.

Para atender aos objetivos propostos, além de pesquisa teórica, foram realizadas entrevistas utilizando a internet como ferramenta, transpondo, desta forma, as barreiras da distância e da incompatibilidade de agendas. As entrevistas ocorreram através de *e-mails*, da rede social *Facebook* e do aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Este último possibilita uma entrevista em tempo real, baseada na comunicação verbal, na qual é possível estimular o diálogo a fim de obter mais informações do entrevistado, assim como ocorre na entrevista presencial. Segundo Flick (2009), muitos métodos qualitativos vêm sendo transferidos e adaptados às pesquisas que utilizam a internet como ferramenta. O autor elenca novas formas de se realizar uma pesquisa qualitativa, como as entrevistas por *e-mail*, os grupos focais *on-line* e a etnografia virtual. Flick (2009) ainda afirma que nas entrevistas presenciais faz-se necessário um deslocamento, o que restringe o pesquisador a trabalhar com uma amostra local e “acaba por reduzir sua amostra de pessoas relevantes para pessoas acessíveis” (p. 240).

Nesta pesquisa, foram entrevistadas pessoas que atuam em diversas esferas do futebol. Para algumas, o futebol é a sua profissão; para outras, entretenimento ou militância. O critério de recrutamento dos sujeitos se baseou na relevância social de suas atuações, adequação ao tema proposto, além da disponibilidade de conceder as entrevistas. Vale ressaltar também que cada nicho social apresentado tem suas particularidades; por isso, os métodos de pesquisa foram adaptados a cada situação.

As mulheres que atuam nesse contexto sofrem silenciamentos e abusos em todas as formas de inserção. Diante disso, foram entrevistadas mulheres que atuam como profissionais, como torcedoras ou como militantes. Entrevistamos uma profissional do jornalismo, que apresentou por muitos anos o Globo Esporte em Minas Gerais, e uma torcedora e militante do Movimento Coralinas, que atua como um movimento político dentro da torcida do Santa Cruz Futebol Clube, de Recife. No tocante ao racismo, além da revisão bibliográfica e de uma re-

tomada histórica acerca do tema, foi analisado um caso conhecido de racismo no futebol. Também realizamos uma entrevista com o fundador do Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Com relação à comunidade LGBT+, tendo em vista a ausência de profissionais, tais como jogadores, jornalistas, comentaristas e árbitros assumidamente homossexuais, foram realizadas entrevistas com um torcedor *gay*, uma torcedora lésbica e um participante do *Bharbixas*, time *gay* de Belo Horizonte.

## BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL

O futebol é o esporte mais praticado do mundo: de acordo com Luccas (1998), quase todos os países possuem uma seleção nacional e estão inscritos na Federation International Football Association (FIFA). Atualmente, existem mais países filiados a essa entidade do que à Organização das Nações Unidas (ONU): 211 filiados (FIFA, 2017), contra 193 (ONUBR, 2017). No Brasil, a popularidade do futebol é de grande significância, sendo o único país a possuir cinco títulos mundiais – 1958, 1962, 1970, 1994, 2002 –, apesar da origem inglesa do esporte.

Mesmo não havendo exatidão sobre a origem do futebol, antropólogos e historiadores constataram, segundo Luccas (1998), que os homens desenvolveram o hábito de chutar um objeto arredondado desde os primeiros agrupamentos humanos. Segundo o autor, esses registros apontam o jogo de bola como atividade lúdica que evolui para uma prática militar e disciplinar ou o jogo de bola como atividade ritualizada e sagrada. No continente europeu, berço da modernidade e do futebol moderno, o autor ainda relata diversos registros de formas ancestrais de futebol. Ele afirma que apesar das variações locais os jogos tinham uma característica principal: tratava-se de jogos-luta, nos quais toleravam-se várias formas de violência típicas da era medieval.

O autor ressalta que, devido a esses comportamentos violentos, o jogo foi alvo de proibições por parte das autoridades e entra para a clandestinidade, sendo considerado, por um período, um esporte marginalizado. Apesar disso, o futebol sobrevive e começa a ser praticado dentro das escolas e universidades. Para tanto, ele sofre um refinamento e ganha regras e códigos. Dessa forma, segundo Luccas (1998), o futebol, antes marginalizado, vai se tornando aos poucos um esporte de elites. O autor ainda afirma que as formas modernas de futebol são encontradas na Inglaterra entre 1830 e 1850, diferenciando-se entre *rugby* e *football*. Nas escolas inglesas, o ensino do futebol tinha como objetivo transmitir aos meninos conceitos como virilidade e independência, além de disciplina e trabalho em equipe. Segundo a autora,

“enquanto o *rugby* realçava a virilidade, a força física e a coragem” (p. 17), o *football* representava “uma virilidade mais contida e civilizada” (p. 17).

No Brasil, de acordo com Luccas (1998), o esporte nasce elitista e racista em 1894, seis anos após a abolição da escravatura, sendo praticado apenas pelos ingleses e por outros membros da elite. O primeiro campeonato paulista não tinha nenhum jogador negro ou pobre na composição dos times. Tal situação permaneceu por mais de três décadas. Com o crescimento dos campeonatos; a criação de times de origem popular, como o Corinthians e o Vasco; a vitória do Vasco da Gama no campeonato estadual de 1923, com um time formado por negros e pobres, inicia-se uma nova fase no futebol. Entre 1950 a 1970, o Brasil conquista três copas do mundo e se torna um dos principais alvos de investimento, além de um instrumento ideológico do Estado. O Brasil associa sua identidade com o futebol e é concebido como “país da bola” ou “pátria de chuteiras”.

Diante dessa breve análise, depreende-se que as minorias não figuram em nenhum momento nas origens do futebol. Esse esporte nasce como uma manifestação elitista, masculina e heterossexual, na qualidade de diversão após as batalhas, treinamentos militares ou educação, já que os jogos sempre se caracterizavam pela virilidade e agressividade. Esses valores são antagônicos à representação histórica e cultural da figura feminina, frágil e delicada, submetida à esfera privada do lar e do cuidado com a família. De acordo com Franzini (2005), a entrada da mulher no universo do futebol, culturalmente concebido como “coisa pra macho”, subverte essa ordem.

## **AS MULHERES E O FUTEBOL: SUBVERSÃO, CORAGEM E RESISTÊNCIA**

De acordo com Franzini (2005), em 1940 as mulheres começaram a adentrar nos gramados. Segundo o autor, naquele ano, a revista *Educação Física* informava a realização de uma partida entre mulheres: a novidade despertou amores e ódios. Franzini (2005, p. 322) ressalta que o grande problema não era o futebol, e sim a subversão de papéis, já que as jovens abandonariam suas “funções naturais” para ocuparem o espaço dos homens. Diante disso, o autor afirma que o clamor pela interferência dos poderes públicos nessas questões foi acatado com a promulgação do Decreto-lei n. 3.199, de 1941. Seu artigo 54 afirmava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

Ribeiro (2018) aponta que, durante as décadas seguintes, foram identificadas transgressões esporádicas, como os times Vila Hilda Futebol Club e Corinthians Futebol da cidade de Pelotas, cujas atividades se estenderam de maio a novembro de 1950, momento em que foram notificados pelo Conselho Nacional de Desportos (CND). A década de 1950, por sua vez, foi um momento de expansão das iniciativas para a retomada da prática, todavia frustrada com a ascensão do regime autoritário na década de 1960. O autor salienta que no tocante ao futebol feminino, houve a publicação de uma deliberação da CND que estabelecia, como práticas não permitidas às mulheres, “lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball”. Apenas em 1979, houve a revogação da referida deliberação. Franzini (2005) afirma que a revogação veio acompanhada da criação de departamentos de futebol feminino em vários clubes do país, mas ressalta que as dificuldades culturais e materiais persistiram. O autor salienta que nem as diversas conquistas do futebol feminino fizeram com que sua estrutura se aproximasse à do futebol masculino, e essa realidade é percebida até os dias de hoje.

Rubio e Simões (1999) salientam que o modelo de sociedade patriarcal que vivemos na atualidade vem acompanhando a humanidade desde vários séculos antes de Cristo. Sendo assim, é previsível que esses valores fossem transpostos para o esporte desde então, e que acompanhassem a humanidade ao longo de sua história. Os autores ainda afirmam que “a mulher foi considerada usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino”, uma vez que “o esporte unificou o conjunto de adjetivos que representam o mundo masculino: força, determinação, resistência e busca de limites” (p. 50).

De acordo com os autores, “essa ideologia acerca do esporte enquanto instituição masculina invalidou a experiência atlética como uma busca feminina digna” (p.50). O resultado dessa situação é que a mulher foi considerada, por muito tempo, como invasora de um espaço masculino: especialmente aquelas que praticaram esportes coletivos foram alvo de ataques, uma vez que o poder das mulheres em grupos sempre representou uma grande ameaça à estrutura patriarcal. Esta análise vai ao encontro da fala da jornalista entrevistada, ao relembrar o preconceito das pessoas quando a viam jogando bola:

Cisme de jogar, o que me era proibido. Passei a treinar sozinha, chutando contra a parede, entrei para a turma dos peladeiros do bairro e ajudei a fundar, depois, a primeira escolinha feminina e o primeiro time do meu colégio. No prédio, os vizinhos me olhavam torto pela janela quando eu jogava, como se eu fosse uma aberração. No clube que eu frequentava, eu era a única menina jogando na grande maioria das vezes. Muitas vezes não era bem-vinda, ouvia xingamentos, crueldades.

Ao contrário do que ocorre com as atividades domésticas, Beauvoir (1967, p. 23) aponta que as meninas são facilmente perdoadas por eventuais fracassos em empreitadas nos esportes, pois a principal exigência ainda é outro tipo de realização: “querem, pelo menos, que ela seja também uma mulher, que não perca sua feminilidade”. Melo e outros (2004, p. 251) abordam os estereótipos de gênero, que envolvem a masculinidade e a feminilidade. Os autores conceituam o estereótipo na Psicologia como “um sistema de crenças compartilhadas acerca de atributos, geralmente traços de personalidade ou comportamentos costumeiros, atribuídos a determinados grupos” (p. 251).

Dessa forma, eles afirmam que traços individualistas ou instrumentais, como independência, agressividade e racionalidade, são costumeiramente atribuídos à masculinidade; por sua vez, amorosidade, sensibilidade e delicadeza são atreladas à feminilidade. A partir disso, Melo e outros (2004) apontam que alguns esportes são classificados como possuidores de mais características femininas, como a ginástica rítmica, ou mais características masculinas, como o futebol. Ainda de acordo com os autores, tais particularidades são tomadas de forma inconsciente e interferem no julgamento dos indivíduos, principalmente quando o sexo do atleta vai de encontro ao esporte praticado, desencadeando a aplicação de estereótipos sexuais. As entrevistadas relataram sobre os preconceitos que sofreram devido aos estereótipos em relação às mulheres que jogam ou gostam de futebol:

Eu já ouvi que eu era macha! Os meninos e meninas da minha infância e adolescência, influenciados pelos pais e mães e o machismo da sociedade, me rotulavam de masculina só porque eu jogava. Eu era uma menina tão doce! O fato de eu praticar um esporte de contato, força e brasileiroamente masculinizado, fazia de mim uma ameaça aos padrões da sociedade, ao patriarcado... Isso incomodava muita gente. *(Jornalista)*

É muito chato você ter que enfrentar situações de questionar sua orientação sexual, ‘gosta de futebol é sapatão’, não! Nós temos lésbicas, temos bi’s, temos heteros, e todas gostamos de futebol, de jogar, de torcer, de atuar... e é muito chato isso, você estar o tempo todo tendo que reafirmar o seu direito de existir ali. *(Torcedora e Representante do Movimento Coralinas)*

Goellner (2000) fala sobre o fantasma que ronda os campos esportivos e os estádios onde a mulher pratica o futebol: a afirmação de que mulher que joga futebol é homossexual. Goellner (2000) conceitua a sexualidade como a maneira com que cada um vivencia seus desejos e prazeres, e questiona sobre as relações possíveis que se pode ter com o futebol. A autora formula algumas hipóteses para essas crenças, como a aparência do corpo das atletas, já que um corpo que não expressa as representações dominantes de feminilidade provavelmente é masculinizado.

Por outro lado, tão comum quanto o estereótipo de “mulher masculinizada”, é o de musa. No Brasil, durante as transmissões televisivas, é muito comum o foco em mulheres nas arquibancadas. Por essa razão, na Copa do Mundo de 2018, a FIFA recomendou às emissoras de TV que não explorassem a imagem de mulheres nas arquibancadas durante os jogos, para evitar que o esporte fosse associado ao sexismo (LEISTER FILHO, 2018). Januário e outros (2016), ao analisarem a cobertura de alguns jornais pernambucanos da Copa do Mundo de Futebol Feminino 2015, destacaram a exploração da beleza das mulheres. Examinando manchetes como “Musa marca e EUA passam pela Colômbia no Mundial Feminino”, as autoras concluem que ocorre uma objetificação da imagem das atletas, de modo que o desempenho delas fica invisibilizado. Isso também ocorre com outras profissionais que trabalham dentro dos estádios. O assédio sexual também é uma vertente da objetificação do corpo feminino, e é muito comum no futebol. A jornalista entrevistada relata que já sofreu com o assédio: “Quando isso aconteceu eu fui direto ao presidente da empresa. Jamais me calaria nesse tipo de situação. Preferiria perder o emprego ao invés dos meus valores.”

Outro tipo de estereótipo ligado às mulheres no futebol é o de que elas não dominam ou entendem do assunto. De acordo com Costa (2007), no Brasil o futebol entra na vida dos meninos sem pedir licença, e jogar uma pelada ou sair com os amigos para assistir a jogos se tornou um importante instrumento de socialização masculina. Diante disso, segundo a autora, é grande o grau de familiaridade dos homens com o futebol, fazendo com que seu interesse e seu conhecimento acerca do esporte sejam considerados uma faceta de natureza masculina. Por outro lado, Costa (2007) aponta que no caso das mulheres o cenário é oposto, já que elas não são associadas ao futebol. Diante disso, elas são colocadas em situações que comprovem que ela gosta e é capaz de compreender o futebol em seus múltiplos aspectos. Segundo a autora, a mulher não tem credibilidade como torcedora. De acordo com Stahlberg (2011), as mulheres são impelidas, muitas vezes, a ter que provar que entendem mesmo de futebol, e que seu interesse é verdadeiro, sendo muitas vezes questionadas sobre jogadores, história do clube, esquemas táticos e sobre as regras do futebol, e este fato pode ser ratificado com a fala da torcedora entrevistada:

Isso é muito chato sabe, você estar falando: “Ah, isso daí foi um impedimento”, e alguém questionar você: “você sabe o que é impedimento?” E mesmo que eu não soubesse, sabe? Eu tô ali vivendo aquilo da forma que eu quero, da forma que eu posso, tive acesso tardio ao futebol, porque não faz parte da cultura brasileira nem mundial que a mulher viva o futebol. O país do futebol não permite que as mulheres vivam o futebol. Então, a gente teve acesso a isso muito tardiamente. Então, o entendimento da gente sobre o futebol vai vir tardiamente também, sem querer genera-

lizar, porque tem mulheres que têm acesso a isso mais cedo, mas não é a maioria, de forma alguma, a gente tem um acesso muito traumático ao futebol.

Diante dos relatos apresentados, podemos perceber as dificuldades que as mulheres enfrentam quando se envolvem com o futebol. No entanto, não são só elas que têm que demonstrar superação e resistência. Os negros também foram – e ainda são – impelidos à superação de si e à excelência para manterem-se no contexto futebolístico.

## **RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO: AS FACETAS DE UM PRECONCEITO VELADO**

De acordo com Corrêa (1985, p. 31), o racismo que já motivou cenas de preconceito explícito nos gramados no século continua o mesmo, “dos camarotes às gerais, entre cartolas e torcedores”. Segundo a autora, os torcedores abandonaram expressões como “negro sujo” e “crioulo nojento” para abrigar-se em conceitos mais modernos e menos vulgares, mas não menos cruéis. Depois da Copa de 1958, a autora ressalta que o racismo foi para outro extremo, quando admite a superioridade do negro no futebol graças à “ginga e [à] malandragem da raça”, (p. 32).

Segundo Corrêa (1985), em uma sociedade racista como a brasileira, “para o negro não basta ser bom, é necessário ser ótimo, excelente, o melhor” (p. 33). Para os jogadores, negros, assim como Leônidas, Domingos da Guia e Pelé, não resta outra alternativa a não ser a superação de si mesmos, como costuma acontecer com todos os que ousam fazer incursões em ramos de atividade onde a competição seja branca. Para a autora, é lamentável que nesse trabalho de conquista, nunca definitiva, “o número de mortos e feridos seja bem maior que o de vitoriosos, já que o mesmo racismo que empurra o negro para a superação de si mesmo cobra, na primeira falha, a concessão de um dia tê-los deixado galgar os degraus da fama” (p. 34).

Corrêa (1985) relata que no começo do século XX, em São Paulo, alguns clubes só admitiam filhos dos barões de café, era cobrado conhecimento da língua inglesa e que a popularização do esporte no Brasil se iniciou nos colégios de orientação religiosa e militar. Segundo Grandelle (2013), em algumas cidades os negros que foram impedidos de participar dos torneios criaram seus próprios campeonatos. O autor relata que, entre os anos 1920 e 1930, existiam pelo menos doze times informais em São Paulo, e acrescenta que entre 1937 e 1939 ocorria pelo menos uma vez por ano o clássico “preto x branco”, no qual os times informais disputavam com os grandes clubes.

Segundo Giulianotti (2002), o Brasil, a princípio, parece ser um caldeirão étnico, mas diante da complexa história de escravidão, divisões raciais e grandes desigualdades econômicas, o racismo deixa uma profunda marca no futebol. Alguns casos tomaram grande proporção midiática, dando visibilidade a essa questão tão velada na sociedade, como o caso do goleiro Aranha em 2014.

Mário Lúcio Duarte Costa, de 33 anos, o goleiro Aranha do Santos Futebol Clube, foi mais uma vítima do racismo em estádios brasileiros. Torcedores do Grêmio o chamaram de “preto fedido” e de “macaco” durante uma partida válida pelas oitavas de final da Copa do Brasil, na noite de quinta-feira, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Indignado com as ofensas racistas, o arqueiro foi até o árbitro da partida, Wilton Pereira Sampaio, reclamar dos xingamentos, mas nada ocorreu. As câmeras do canal ESPN Brasil flagraram uma jovem branca, vestida com o uniforme do Grêmio, chamando-o de macaco. Outras emissoras filmaram mais gremistas imitando o animal e apontando para o jogador. (BENITES, 2014).

Casos de grande repercussão nacional como este permitem a análise do racismo dentro de um contexto ritualizado como o futebol. A postura do goleiro Aranha de denunciar a agressão foi crucial para a investigação dos fatos, já que o Brasil, por possuir uma igualdade formal de direitos entre brancos e negros e não possuir em sua história conflitos raciais violentos, foi caracterizado por muito tempo como uma democracia racial. Teixeira (2016) enfatiza que a atitude do goleiro subverteu os ditames de uma sociedade que está acostumada a esconder o racismo, e obrigou os jornais a contarem a história. Essa postura conformista pode ser analisada em entrevista dada por Pelé sobre o caso:

O Aranha se precipitou em querer brigar com a torcida. Se eu fosse querer parar o jogo cada vez que me chamassem de macaco ou crioulo, todos os jogos iriam parar. O torcedor grita mesmo. Temos que coibir o racismo. Mas não é num lugar público que você vai coibir. O Santos tinha Dorval, Coutinho, Pelé... todos negros. Éramos xingados de tudo quanto é nome. Não houve brigas porque não dávamos atenção. Quanto mais se falar, mais vai ter racismo. (ESPN, 2014).

Teixeira (2016) afirma que o racismo se manifesta de maneira implícita e naturalizada entre os brasileiros e que muitas vezes o próprio oprimido adota práticas opressoras e manifesta o preconceito como algo normal. O autor ainda salienta que o processo de escravização no Brasil gerou uma ideologia de inferioridade do negro diante do branco e, por conseguinte, resultou na marginalização dos povos de matriz africana e na solidificação do racismo como modalidade estrutural, já que a cor negra acaba se relacionando diretamente com uma baixa condição social. Dessa forma, segundo o autor, mesmo após diversas conquistas, ainda é comum que pessoas de pele preta não tenham acesso aos mesmos serviços ou direitos de quem

tem a pele branca. Camino e outros (2000) constatam que, apesar de leis que coíbem atos explicitamente racistas, a discriminação devido à cor da pele segue se desenvolvendo. Segundo os autores, nos países onde ocorreu a escravidão, as diferenças socioeconômicas entre pessoas brancas e negras continuam aumentando. Nos países que foram colonizadores, criam-se empecilhos para a entrada de trabalhadores estrangeiros que não são brancos.

Camino e outros (2000, p. 15) afirmam que o preconceito, longe de estar acabando, na verdade está se transformando. Segundo os autores, o racismo aberto, militante e agressivo está sendo gradualmente substituído por formas que não desafiam a norma social de indesejabilidade do racismo. No entanto, “a diminuição das expressões do racismo seria mais aparente que real, pois as atitudes preconceituosas que não desafiam abertamente as normas atuais anti-discriminatórias persistiriam no interior das consciências dos indivíduos”.

Kaefer (2016, p. 40) ressalta que a repercussão do caso do goleiro Aranha contou com a participação da mídia, já que houve um *close* televisivo na jovem branca, pronunciando silabicamente a palavra macaco. A autora salienta que Patrícia foi escolhida entre centenas de pessoas que entoavam o mesmo grito, e a responsabilidade deixou de ser do coletivo e cedeu espaço ao particular: “a ofensa passou a ter responsável, com nome, endereço e outras identificações”.

Após o episódio, o Grêmio foi eliminado da Copa do Brasil. A torcedora teve sua casa apedrejada e incendiada, sofreu ameaças de estupro nas redes sociais, foi afastada do trabalho e nunca mais foi a um estádio. Pelo crime de injúria racial, foi condenada a comparecer à delegacia em dias de jogos do Grêmio, entrando uma hora antes do evento e saindo uma hora depois. Ela tentou pedir desculpas ao goleiro, que não aceitou se encontrar com ela. O advogado da jovem afirma que “macaco” no contexto do futebol não é considerado racismo, que é só mais um xingamento, “assim como xingar a mãe do árbitro”. Em entrevista ao Programa Domingo Legal, em setembro de 2014, Patrícia afirma que fez aquilo para desestabilizar o jogador e fazê-lo errar. Os amigos de Patrícia, por sua vez, afirmaram que “ela é gente boa, vai em roda de samba com preto, gosta de preto, fica com preto” (GUICHARD, 2014). No entanto, o xingamento tem um valor simbólico e doloroso para os negros, como se reflete na opinião da blogueira Charô Nunes:

Chamar alguém de macaco, no contexto de uma sociedade extremamente racista, é nada menos que o racismo em toda sua cruza e potência. Dentro e fora dos estádios, tem como objetivo desumanizar a existência da pessoa negra a quem se considera nada mais que um animal, e não qualquer animal, mas um macaco que representa uma existência inferior na escala evolutiva. [...] Xingar alguém de macaco nos

mata concreta e simbolicamente porque transforma cada um de nós em algo menos que um ser humano. (NUNES, 2014).

Sobre a declaração dos amigos de Patrícia, a blogueira ainda afirma que “a estratégia é calculada, capenga e nada surpreendente; é fazer valer o senso comum de que racista, é apenas aquele que se nega a conviver com negros”. Ela ainda diz que o racismo se manifesta de diversas maneiras e através de diversos atores; enfatiza que o racismo não tem perdão e agradece a Aranha por não ter aceitado se encontrar com sua agressora.

Diferentemente do que ocorre com o racismo e com a injúria racial, que são crimes tipificados em lei, a criminalização da homofobia ainda se encontra em fase de discussão. Dessa forma, gritos homofóbicos não têm a repercussão que um ato racista alcança – na verdade, são muito comuns dentro dos estádios.

## **LGBTFOBIA: OS GRITOS DA INTOLERÂNCIA**

De acordo com Canabarro (2013, p. 1), a discussão sobre a sexualidade e sua interlocução com a política tem se tornado cada vez mais intensa nos dias atuais, sendo crescentes os “pronunciamentos políticos que envolvam a política da sexualidade, a jurisdição dos corpos, das práticas sexuais e o controle das experiências afetivo-sexuais”. A confirmação disso pode ser observada na corrida presidencial de 2018, que teve como principal polêmica o “*kit gay*”, apelido dado ao projeto Escola Sem Homofobia, voltado à formação de educadores (G1, 2018). Entre suas diretrizes, o programa pretendia promover “valores de respeito à paz e à não-discriminação por orientação sexual” (ALMG, 2018). Contudo, após pressão de setores conservadores da sociedade e do Congresso Nacional, o projeto não chegou às escolas.

Iniciativas como essa deveriam ter a devida atenção do Estado, tendo em vista as estatísticas a respeito da violência LGBTfóbica praticada no país. Em 2017 445 lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais foram mortos em crimes motivados por LGBTfobia. O número representa uma vítima a cada 19 horas. (EBC, 2018). No ano de 2018, 420 LGBT+ morreram no Brasil vítimas do preconceito. (GRUPO GAY DA BAHIA, 2018). O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, segundo pesquisa realizada pelo Grupo Gay da Bahia. (G1, 2017).

De acordo com Sousa (2013, p. 8), a maior parte das vítimas foi assassinada de formas cruéis, demonstrando uma violência que não apenas mata, mas mutila os corpos que violenta. Segundo a autora, “é comum que os homicídios ocorram não com um tiro de pistola; não com duas ou três facadas, e sim com nove tiros, vinte facadas, cabeças decepadas, troncos carboni-

zados”. A autora salienta que os simbolismos que instituem essas práticas demonstram “um ódio que não finaliza na vida, mas no extermínio de algum outro feminino que não pertence ao corpo da fêmea; numa masculinidade ilegítima anunciada por um corpo”. Sousa (2013) ainda salienta que os homossexuais mortos pertencem a todos os estratos econômicos e idades, demonstrando um ódio orientado exclusivamente à população LGBT+.

Sousa (2013) afirma que os gêneros são moldados a partir da identificação lógica com as normas que preveem uma complementaridade entre os sexos de macho e fêmea. Segundo a autora, a construção do sujeito depende do engessamento do que é considerado normal no que tange à identidade sexual, e essa normalidade decorre da ideia de um natural inventado. Sendo assim, os que subvertem essas normas acabam sendo vítimas da marginalidade, da discriminação e da violência.

Sousa (2013) conclui que é necessária a identificação sexuada do indivíduo para que ele adquira *status* de sujeito e que, por isso, são atribuídas às pessoas que violam a norma binária heterossexual o *status* de não humano, sendo classificados comumente como monstros ou anormais. A autora salienta que essa violação, além da própria exclusão, gera em determinadas pessoas um ódio explícito e persistente, que pode ser manifestado por meio de violência física ou verbal, e assevera que a homofobia, portanto, não se limita a um medo de homossexuais, mas também abrange atitudes de rejeição que se baseiam na “negação de qualquer outra modalidade de desejo e prática sexual que não seja a heterossexual, monogâmica e reprodutivista” (p. 6).

No que tange ao futebol, pode-se afirmar que entre todas as manifestações de preconceito e discriminação tratadas aqui, a homofobia é a mais comum e a menos punida. No Brasil, gritos homofóbicos são considerados como parte do jogo, e a inserção e permanência de pessoas LGBT+ tanto nas arquibancadas quanto nos times profissionais ainda é um tabu.

Bandeira e Seffner (2013) afirmam que a homofobia aparece legitimada quando vinculada às práticas do torcer, e que o estádio de futebol é um contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades. Os autores frisam que a masculinidade vivida nesse contexto cultural específico possui algumas características particulares: ela é machista e homofóbica. No entanto, essa homofobia é naturalizada e manifestações dessa ordem não são entendidas como violentas.

A presença de jogadores ou torcidas LGBT+ são muito pontuais no decorrer da história do futebol. Segundo Pires (2017), em 1977 nasceu a primeira torcida brasileira exclusivamente gay, a qual chamava atenção não só pelos trajes, como túnicas, calças justas ou acessórios espalhafatosos, mas também por reunir torcedores homossexuais do Grêmio em plena

ditadura militar. Segundo o autor, a denominada Coligay gerou repulsa em dirigentes, jogadores e membros de outras torcidas organizadas do Grêmio. O autor afirma que, apesar da curta existência – em 1983, a torcida encerrou suas atividades devido ao retorno de seu fundador à sua cidade natal –, a Coligay inspirou outras torcidas homossexuais, como a Flagay, do Flamengo, que também sucumbiu diante da homofobia. De acordo com Porpetta (2016), a Flagay era mais relacionada ao ativismo que ao futebol, o que propiciava a desmobilização diante do ódio homofóbico das arquibancadas. Pires (2017) afirma que alguns grupos tentaram articular movimentos semelhantes; no entanto, limitaram-se às redes sociais: nenhum deles marcou presença nos estádios como a Coligay. Porpetta (2016) salienta que a maioria das referências às torcidas de homossexuais é feita de maneira pejorativa, tornando-se uma arma para torcidas adversárias provocarem os clubes. O autor salienta que os comentários sobre o tema são uma demonstração clara da homofobia presente na sociedade, principalmente no futebol.

Bandeira e Seffner (2013) afirmam que as masculinidades são culturais, e que o ser homem ou masculino não é uma essência, mas uma performance social. Os autores ainda afirmam que no futebol a masculinidade é uma característica importante e desejável para os jogadores, assim como a coragem, o destemor, a ousadia, a honra, e outras características atribuídas historicamente ao homem. Sendo assim, por analogia, é desejável que essa masculinidade também seja executada nas construções dos sujeitos torcedores.

Os autores salientam que a masculinidade hegemônica é aquela que valoriza a força e a agressividade, e que as masculinidades não-hegemônicas poderão ser consideradas como desviantes ou marginais, e estão sob a subordinação daquela. Ainda segundo os autores, pelas características de competição, violência e combate, os esportes constituem-se como um ambiente propício para a construção de masculinidades nas quais a virilidade aparece com um valor muito apreciado, além de hierarquizar os homens entre si. Sendo assim, os autores enfatizam que é comum na construção da identidade do macho viril utilizar o personagem antagônico como uma fronteira que nunca deve ser ultrapassada: “o que eu sou depende do que não sou” (p. 252).

Bandeira e Seffner (2013) ressaltam que essa alteridade está posta na torcida adversária, carregando em suas representações o comportamento masculino indesejável. Os autores apontam ainda que apenas os sujeitos que ocupam a posição de passividade no ato homoerótico teriam sua masculinidade questionada. Os referidos autores afirmam que a participação como ativo em uma relação sexual, mesmo que com outro homem, parece não diminuir a virilidade ou a masculinidade dos sujeitos. A menção a relações homossexuais como ativos pode ser observada em cânticos de diversas torcidas. O cântico “*Atleticano porco, filho da puta,*

*rebola que eu vou comer sua bunda*” é cantado pela torcida do Coritiba. Em Minas Gerais, a torcida do Atlético canta para os cruzeirenses: “*Pau no cu do cruzeiro, bicharada vai gritar, dá o cu aonde for, só pra ver meu pau entrar, no seu cuzão, sem sentir dor, Cruzeiro a bicharada do Brasil*”.

Bandeira e Seffner (2013) afirmam que os torcedores usam o palavrão de forma recorrente e que ele possui diversas funções, podendo ser utilizado entre torcedores de clubes rivais ou com árbitros, jogadores e policiais. Os autores ainda salientam que o jogo de futebol possui códigos particulares que permitem que as ações executadas nesse contexto não sofram os mesmos interditos de outros espaços. Roselli-Cruz (2011) afirma que a maioria dos palavrões tem cunho homossexual ou algum significado sexual, o que demonstra uma homofobia profundamente enraizada na sociedade.

Para Mota (2009, p. 39), “a homossexualidade explicita as contradições dos rígidos papéis de gênero no âmbito da hegemonia masculina de uma sociedade altamente heterossexista”. Para esse autor, as relações se estabelecem em um contexto hierárquico onde “a relação sexual se dá entre não iguais, onde ser ‘homem’ é ser o ativo que penetra a ‘bicha’, que é percebida como homossexual concebida como mulher, por ter prática sexual passiva”.

Quinalha (2018) afirma que a homofobia relativa a homens homossexuais é produto do machismo. O autor enfatiza que nossa sociedade é instituída por uma norma de heterossexualidade compulsória que tem associação com a superioridade dos homens em relação às mulheres, inferiorizando, dessa forma, tudo o que encarna traços tidos como típicos do feminino. Essa inferiorização impacta profundamente a vida dos homens homossexuais, e os primeiros xingamentos que um garoto homossexual receberá consiste em associá-los ao feminino, como “mulherzinha”. O autor salienta que um homem de verdade rejeita qualquer associação a características atribuídas a mulheres, como passividade, fragilidade, cuidados domésticos, entre outros. De acordo com Quinalha (2018), a homofobia é, portanto, a discriminação contra pessoas que demonstram características atribuídas a outro gênero, e o homem homossexual é o equivalente simbólico das mulheres. Os entrevistados relataram sobre o medo de mostrar esses atributos considerados femininos.

A gente evita frequentar estádios com camisa do nosso time [Bharbixas], ou alguma coisa que remeta a homossexualidade, a sermos LGBT, porque nós sabemos a hostilidade que acompanha, sobretudo haja vista o último canto do Atlético [O Bolsonaro vai matar veado]. (Entrevistado 12)

De acordo com Carrara e Lacerda (2011), com base na reprodução de um conjunto de estereótipos e ideias preconcebidas no que diz respeito à homossexualidade, tem sido reservado à população LGBTQ+ um lugar marcado pela experiência direta com humilhações, constrangimentos e violências físicas, ou simplesmente pela constante ameaça de vir a sofrer-las, já que mesmo as pessoas que não são vitimadas por essas violências ouvem numerosos relatos de *gays*, lésbicas e bissexuais que já foram agredidos.

No tocante à lesbofobia, Leonel (2011) apresenta algumas peculiaridades em relação à LGBTQfobia em geral. Primeiramente, a autora leva em consideração a própria condição da mulher brasileira, já que as assimetrias de gênero são imperativas nas discussões sobre a discriminação às lésbicas. A autora enfatiza que a nossa sociedade é patriarcal e machista e assevera que as mulheres têm menor poder econômico, menos autonomia em relação ao próprio corpo – como ocorre nos direitos reprodutivos e na questão do aborto – e uma vulnerabilidade física maior quando comparada ao homem. Dessa forma, é esperado que as lésbicas sofram manifestações homofóbicas, e que essas manifestações se misturem com atitudes sexistas.

Em sua pesquisa, Leonel (2011) investigou se algumas pessoas concordavam ou não com frases como “mulher que vira lésbica é porque não conheceu homem de verdade”: 31% dos entrevistados responderam afirmativamente, demonstrando que a lesbofobia opera de mãos dadas com o machismo. Segundo esse pensamento, a lésbica deve se subjugar à vontade masculina, e que o único desejo possível na mulher é aquele relacionado aos homens. A torcedora entrevistada relata sua opinião e vivência sobre o assunto:

Eu acho que o preconceito da mulher [lésbica] é diferente do preconceito com o homem [*gay*]. O homem eles querem bater, querem espancar, não admitem eles naquele espaço. [...] Já com a gente, a aceitação acontece de boa, tem muita mulher lésbica que anda com a gente, então eu acho que de duas uma: ou eles veem a gente como um *parça* deles, quando a mulher não é bonita, entende?, tem umas meninas que são bem masculinas [...] ou querem entrar na brincadeira, ficar no meio das mulheres [...]

Leonel (2011) constata, em sua pesquisa, que 50% das lésbicas entrevistadas afirmaram que nunca sofreram discriminação devido à orientação sexual. No entanto, a autora salienta que muitas vezes *gays* e lésbicas não percebem que estão sendo discriminados. Essa defasagem entre a percepção do preconceito e suas manifestações veladas é explicada pela autora pelo fato de que as pessoas, de forma equivocada, só julgam uma atitude como homofóbica se ela vier acompanhada de violência física ou verbal. No entanto, o que ocorre é que existem diversos graus de homofobia, mas apenas o ato homofóbico violento é passível de medidas judiciais.

A autora destaca algumas hipóteses para a discriminação da mulher lésbica ser menos impactante que a do homem *gay*. Em primeiro lugar, salienta que as mulheres sempre foram invisíveis historicamente, e que por isso são menos percebidas pelas pessoas ao redor. Em segundo lugar, é levado em consideração o fato de que demonstrações de afeto entre duas mulheres são aceitas socialmente, e por isso um casal de lésbicas andando de mãos dadas na rua não chama tanto a atenção, pois as pessoas podem pensar que se trata de duas amigas. Em terceiro lugar, a autora ressalta que as mulheres, no decorrer do último século, conquistaram espaços antes reservados para os homens, e que o inverso ainda não aconteceu.

Diante de tanta intolerância e na contramão do que é perpetuado pela maioria massiva dos frequentadores de estádios de futebol, torcedores de diversos times têm se organizado com a finalidade de combater o machismo, o racismo e a LGBTfobia em campo. Torcidas progressistas e antifascistas surgem com o propósito de dar voz às minorias e também lutar contra a elitização do esporte. Entre as torcidas antifascistas não há rivalidade: a ideia é unir forças visando a tolerância e a inclusão.

## OS MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA NO FUTEBOL

No tocante à pauta sobre movimentos feministas, foram entrevistadas integrantes de dois coletivos que atuam contra o machismo no futebol, mas não se intitulam como torcidas organizadas, e sim como movimentos políticos: o Movimento Coralinas, representando o Santa Cruz Futebol Clube (Recife), e o Movimento Toda Poderosa Corinthiana, representando o Sport Club Corinthians Paulista (São Paulo). Os movimentos atuam em ações pontuais e de conscientização, e também em ações contínuas. São realizados encontros de torcidas femininas para a discussão de pautas relativas às mulheres torcedoras, democratizando assim a discussão do feminismo, que, segundo a entrevistada do Movimento Coralinas, ainda é elitizado e não chega em todas as classes sociais. Apesar de não desejarem dar ao grupo a conotação político-partidária, elas se colocam em situações políticas, como a Marcha das Vadias e a Marcha pela Vida das Mulheres.

No tocante à causa do racismo, e tendo em vista as inúmeras ocorrências de casos de intolerância racial no futebol, entrevistamos o idealizador do Observatório da Discriminação Racial no Futebol (ODRF), que surgiu com o objetivo de monitorar e divulgar os casos de racismo no futebol, bem como promover ações educativas com a finalidade de erradicar o preconceito que envergonha as nossas relações sociais. Diante da seriedade do tema, o Observatório surge com o propósito de tornar-se uma organização que “promova o diálogo entre

clubes, entidades, torcidas e movimentos sociais através de conferências, workshops e seminários, entre outros eventos, e assim fomentar ideias e buscar sugestões para combater a discriminação”. (ODRF, 2018). O entrevistado relata que o surgimento do Observatório culminou com os sucessivos casos de racismo, em 2014, envolvendo Paulo César Tinga, Arouca, Márcio Chagas, entre outros. Esses acontecimentos levaram o entrevistado a pesquisar os desdobramentos dos casos e o histórico do racismo no futebol brasileiro. Por não encontrar nada parecido em suas pesquisas, ele resolveu criar o Observatório da Discriminação Racial no Futebol.

No que tange à causa LGBTQ+, foi realizada uma entrevista com um jogador do Bharbixas, time de Belo Horizonte fundado em junho de 2017 e que surgiu pela necessidade que a comunidade LGBTQ+ – especialmente os homens *gays* – tinham de jogar futebol em um ambiente mais seguro e livre de preconceito. O jogador considera que hoje, devido a essa iniciativa, a comunidade LGBTQ+ tem um ambiente bom para praticar esportes, longe do preconceito que ronda o futebol. No tocante aos campeonatos *gays* de âmbito nacional, o entrevistado salienta que o Bharbixas foi o primeiro campeão da *Champions LiGay*, cujo nome faz alusão ao campeonato de futebol europeu *Champions League*. Ele relata que a ideia do campeonato surgiu da interação dos times de futebol *gay* do Brasil: o primeiro campeonato aconteceu no Rio de Janeiro, em novembro de 2017 – título inédito dos Bharbixas. A segunda edição foi em abril, em Porto Alegre. Recentemente, no final de setembro de 2018, o time de Belo Horizonte participou da Copa Sudeste de Futebol *Gay* e ganhou o vice-campeonato. Além disso, o time de vôlei também participou do primeiro campeonato *gay* de vôlei, o *Gay Prix*, em Porto Alegre.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que cada grupo estudado possui suas peculiaridades. No que se refere às mulheres, é notório que no futebol elas sempre foram subjugadas e tiveram sua capacidade questionada. Analisando a construção histórico-social dos gêneros e sua relação com o futebol, e observando as reações de pavor da sociedade diante de temas como a “ideologia de gênero”, podemos constatar que essa discussão se encontra em fase embrionária. Uma mulher torcedora, jogadora ou jornalista esportiva ainda é motivo de estranhamento e discriminação.

No que se refere aos negros, fica ainda mais evidente que o futebol é realmente um retrato da sociedade. Os negros são usados como mão de obra, mas não conseguem galgar posi-

ções gerenciais e de comando. Na sociedade, basta observar quantos negros existem dentro da universidade e quantos estão em subempregos ou na criminalidade.

Os LGBT+, por sua vez, são o maior alvo de todas as discussões, tanto no futebol quanto na política. Nas discussões absurdas sobre *kits gay* e mamadeiras eróticas, nas instituições religiosas somadas às forças políticas, estabelecem sem nenhum embaraço que são realmente homofóbicas e que querem proteger suas crianças do risco de serem homossexuais, fato que demonstra o quanto a sociedade é conservadora e desinformada. No futebol masculino tradicional, praticamente não há manifestações homossexuais, nem nas torcidas, nem nos gramados. Nenhum jogador na história do esporte no Brasil quis ameaçar a curta carreira em nome da causa. No entanto, mesmo com raríssimos casos ou suspeitas, multiplicam-se os cantos homofóbicos e atitudes de intolerância.

A Psicologia Social compreende que todos esses fatos sociais afetam o sujeito na sua individualidade. O machismo, o racismo e a LGBTfobia são grandes promotores de sofrimento psíquico, afetando diretamente a identidade e a autoestima das pessoas. A Psicologia precisa estar preparada para acolher esses sujeitos sociais, tendo consciência do processo histórico e cultural que culmina em tanta discriminação e intolerância. Enquanto psicólogas, devemos também ser resistência e lutar contra qualquer forma de retrocesso e desrespeito aos direitos humanos.

## REFERÊNCIAS

- ALMG. **Inclusão da temática Orientação Sexual e Identidade de Gênero nas Políticas Públicas.** Disponível em: [https://politicaspUBLICAS.almg.gov.br/temas/inclusao\\_tematica\\_orientacao\\_sexual\\_identidade\\_genero\\_politicas\\_publicas/entenda/informacoes\\_gerais.html?tagNivel1=11465&tagAtual=11466](https://politicaspUBLICAS.almg.gov.br/temas/inclusao_tematica_orientacao_sexual_identidade_genero_politicas_publicas/entenda/informacoes_gerais.html?tagNivel1=11465&tagAtual=11466). Acesso em: 23 out. 2018.
- ARANHA é chamado de 'Branca de Neve' por torcedor gaúcho. **O Tempo**, 19 set. 2014. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/superfc/aranha-%C3%A9-chamado-de-branca-de-neve-por-torcedor-ga%C3%BAcho-1.918674>. Acesso em: 6 nov. 2018.
- BRASIL é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diz pesquisa. **G1**, 26 abr. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 23 out. 2018.
- BANDEIRA, Gustavo; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Ano XIV, n.º 29, 2ºSemestre 2013, p. 246-270, 2013.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

- BENITES, Afonso. O futebol brasileiro enfrenta mais um caso de racismo. **El País**, 29 ago. 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/29/deportes/1409339595\\_148262.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/29/deportes/1409339595_148262.html). Acesso em: 29 set. 2018.
- CANABARRO, Ronaldo. História e direitos sexuais no Brasil: o movimento LGBT e a discussão sobre a cidadania. In: II Congresso Internacional de História Regional, 2., 2013, Passo Fundo. **Anais Eletrônicos...** ISSN 2318-6208.
- CAMINO, Leoncio; SILVA, Patrícia da; MACHADO, Aline; PEREIRA, Cícero. A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica. **Revista Psicologia Política**, Belo Horizonte, n. 1, p. 13-36, 2000.
- CARRARA, Sergio; LACERDA, Paula. Viver sob ameaça: preconceito, discriminação e violência homofóbica no Brasil. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 73-87.
- CORRÊA, Lucia Helena. Racismo no futebol brasileiro. In: DIEGUEZ, Gilda Koff (Org.). **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 31 a 33.
- COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Niterói, ano 2, n. 4, nov. 2006/fev. 2007.
- CUSTÓDIO, Tulio. Você é racista - só não sabe disso ainda. **Galileu**, 5 out. 2015. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/10/voce-e-racista-so-nao-sabe-disso-ainda.html>. Acesso em: 23 out. 2018.
- DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Cortez, 1985.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.
- É #FAKE que Haddad criou 'kit gay' para crianças de seis anos. **G1**, 16 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 29 out. 2018.
- FIFA. Associations. 2017. Disponível em: <http://www.fifa.com/associations>. Acesso em: 14. out. 2017.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e culturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GUICHARD, Diego. Amigos negros defendem jovem que ofendeu Aranha: "Ela não é racista". **Globo Esporte**. Porto Alegre, 31 ago. 2014. Disponível em:

<http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/08/amigos-negros-defendem-jovem-que-ofendeu-aranha-ela-nao-e-racista.html>. Acesso em: 5 set. 2018.

GOELLNER, Silvana V.. Pode a mulher praticar o futebol? In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (Org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 79-93.

GRANDELLE, Renato. Negros formaram ligas de futebol informais no início do século XX. **O Globo**, 28 set. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/negros-formaram-ligas-de-futebol-informais-no-inicio-do-seculo-xx-10185713>. Acesso em: 22 abr. 2018.

GRUPO GAY DA BAHIA. Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – Relatório 2018. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2019.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; VELOSO, Ana Maria da Conceição; CARDOSO, Laís Cristine Ferreira. Mulher, mídia e esportes: a Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos. **Revista Eptic**, Recife, v. 18, n. 1, p. 168-184, jan.-abr. 2016.

KAEFER, Cíntia Miguel. **Ser ou não ser racista no caso aranha**: investigação sobre a propagação, incerteza e circulação midiática. 2016. 128f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

LEONEL, Vange. Lesbofobia. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 89-96.

LEVANTAMENTO aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil em 2017. EBC, 18 jan. 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em>. Acesso em: 23 out. 2018.

LEISTER FILHO, Adalberto. Contra sexismo, Fifa pede que TVs não explorem imagem de mulheres. **R7**, 12 jul. 2018. Disponível em: <https://esportes.r7.com/copa-2018/contra-sexismo-fifa-pede-que-tvs-nao-explorem-imagem-de-mulheres-12072018>. Acesso em: 2 nov. 2018.

LUCCAS, Alexandre Nicolau. **Futebol e torcidas**: um estudo psicanalítico sobre o vínculo social. 1998. 208f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, PUC São Paulo, São Paulo, 1998.

MELO, Gislane Ferreira de; GIAVONI, Adriana; TROCCOLI, Bartholomeu Torres. Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 251-256, Dec. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722004000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000300006&lng=en&nrm=iso). Acesso em 09 May 2019

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MORELLI, Robson. Mais um caso de *racismo* no futebol. **Estado de S. Paulo**, 29 ago. 2014. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/blogs/robson-morelli/mais-um-caso-de-racismo-no-futebol-e-mais-outro-e-mais-outro-e-mais-outro/>. Acesso em: 6 nov. 2018.

MOTA, Murilo Peixoto. Homossexualidade e envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. **SINAIS** - Revista Eletrônica – Ciências Sociais, Vitória: CCHN, UFES, v. 1, Edição n. 6, p. 26-51, dez. 2009.

NUNES, Charô. Não tem perdão: chamar alguém de macaco é nada menos que o racismo em toda sua crueza e potência. Blog: **Blogueiras negras**, 10 set. 2014. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/09/10/chamar-alguem-de-macaco-e-nada-menos-que-racismo-em-toda-sua-crueza-e-potencia/>. Acesso em: 6 nov. 2018.

ODRF - OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DO FUTEBOL. **Objetivo**. Curitiba, c2018. Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/o-que-e/>>. Acesso em: 09 mai. 2019.

ONUBR. **Países-membros da ONU**. 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca/paises-membros>. Acesso em: 14. out. 2017.

PELÉ pede combate ao racismo, mas diz que 'Aranha se precipitou em querer brigar'. **ESPN**, 11 set. 2014. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/438985\\_pele-pede-combate-ao-racismo-mas-diz-que-aranha-se-precipitou-em-querer-brigar](http://www.espn.com.br/noticia/438985_pele-pede-combate-ao-racismo-mas-diz-que-aranha-se-precipitou-em-querer-brigar). Acesso em: 29 set. 2018.

PIRES, Breiller. Em plena ditadura, a torcida Coligay mostrava a cara contra o preconceito. **El País**, 12 abr. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554\\_546896.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554_546896.html). Acesso em: 25 out. 2018.

PORPETTA, Bruno. Torcidas gays resistem à homofobia nos estádios de futebol. **Brasil de Fato**, 14 abr. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/04/14/torcidas-gays-resistem-a-homofobia-nos-estadios-de-futebol>. Acesso em: 6 out. 2018.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968). **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 48-69, jul. 2018. ISSN 2176-8943. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/73995/73205>>. Acesso em: 08 Mai. 2019.

QUINALHA, Renan. A homofobia como produto do machismo. **Revista Cult**, 17 maio 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/17-de-maio-a-homofobia-como-produto-do-machismo/>. Acesso em: 6 out. 2018.

ROSELLI-CRUZ, Amadeu. Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão. Seu uso na educação sexual escolar. **Educar em Revista**, Curitiba, Editora UFPR, n. 39, p. 73-85, jan./abr. 2011.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**, Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v. V, n. 11, p. 50-56, 1999.

SOUSA, Tuanny Soeiro. Causa mortis: homofobia: uma análise acerca dos crimes homofóbicos praticados no Brasil. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas, 6., 2013. **Anais...** São Luis, 2013. Disponível em: [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo7\\_questoesdegeneroetniaegeracao/causamortis-homofobia - umaanaliseacercadoscrimes\\_homofobicospraticadosnobrasil.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo7_questoesdegeneroetniaegeracao/causamortis-homofobia-umaanaliseacercadoscrimes_homofobicospraticadosnobrasil.pdf). Acesso em: 5 nov. 2018.

STAHLBERG, Lara Tejada. **Mulheres em campo**: novas reflexões acerca do feminino no futebol. 2011. 127f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

TEIXEIRA, Bruno Rosa. **No fim, não foi só um jogo**: as representações do racismo nas coberturas de **Zero Hora** e **Folha de S.Paulo** sobre o Caso Aranha. 2016. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.